

CIMI NORTE IAnálise e Avaliação das Atividades do Regional nos
últimos quatro anosI - INTRODUÇÃO

Não tendo condições de analisar as atividades do Regional Norte I no período antecedente à nossa chegada, fomos constringidos a delimitar a nossa discussão ao período da nossa atuação. Em todo caso, merece um aceno a situação encontrada por nós em 1.981. O Regional acabava de sair de crises internas e problemas de relacionamento com algumas Dioceses e Prelazias da área. Precisamos lembrar, por ex., que o Cimi Norte I foi acusado pelos Salesianos de ser o inspirador das denúncias tornadas públicas pelo Tribunal Russel. Precisamos lembrar também que várias Prelazias e Dioceses consideravam a atuação do Cimi como ingerência não completamente autorizada nos territórios por elas administrados religiosamente.

Por outro lado, a dependência de Brasília, provocou uma situação acéfala: para decisões mais importantes era solicitada a aprovação do Secretariado Nacional. Querendo ou não, esta situação acabava freando a atuação e inibindo tentativas de atividades originais e projetáveis em função das características dos povos indígenas locais e da situação atual da região (sociedade envolvente, etc.). Influía também nesta situação o Porantim absorver quase que 80% das atividades da Coordenação.

Já na Assémbleia Regional de 1.981 a situação de crise atingiu o seu ponto máximo frente às fortes pressões que a base tentava operar para uma mudança radical da gestão do Regional. Nesta Assémbleia lançou-se a proposta de uma coordenação colegial e conseguinte subdivisão do Regional por áreas. Mas, conseguiu-se somente que um grupo de tres consultores atuantes nas bases auxiliasse o Coordenador eleito.

Porém, o que se ajeitou naquela reunião acabou estourando no decorrer do ano de 1.981.

Resultado: transferência do Porantim de Manaus para Brasília;

intervenção do Secretariado Nacional no Regional e afastamento do Coordenador (novembro de 1.981)

Enfim, se chega a Assembléia de Humaitá (janeiro de 1.982). A situação se torna insustentável: acusações recíprocas; problemas com entidades; problemas no relacionamento com lideranças indígenas; etc.

Nesta Assembléia a parte da Coordenação sobrevivente (consultores, etc) apresentou a proposta de uma coordenação Colegiada. A Assembléia aprovou a proposta, não levando em conta a oposição do Secretariado Nacional, presente na reunião.

Assim, o Regional Norte I foi subdividido em quatro áreas geográficas, com um coordenador eleito pelas bases presente. Os quatro Coordenadores de área seriam auxiliados por uma Secretaria fixada em Manaus, com a tarefa específica de dar expediente e manter as ligações entre os Coordenadores. Estes se reuniriam periódicamente, para avaliar a caminhada feita e programar as atividades.

II - ATUAÇÃO DA NOVA COORDENAÇÃO 1982 - 1983

A primeira tarefa que a nova Coordenação teve que enfrentar e que se tornou prioritária às outras, foi aquela de reconstruir as relações anteriormente quebradas com Prelazias e Dioceses. Neste sentido, por ex., tentou-se já durante a reunião de Humaitá contactar o Inspetor Geral dos Salesianos para estudar uma possível nova colaboração. Este trabalho, que continuou durante todo o ano deu seus frutos com a participação de salesianos do Alto Rio Negro na Assembléia de Borba e no curso de lingüística realizada em Itacoatiara % em janeiro e fevereiro de 1.983.

Com as outras Prelazias e Dioceses foram feitos contatos e reuniões, na maioria bem sucedidos. Frutos desses encontros foi, por ex., a possibilidade de realizar a Assembléia Regional de 83 na Prelazia de Borba, onde toda a pequena cidade foi envolvida pela atividades dos Cimi naqueles dias.

A partir desta nova situação eclesial a sede do Cimi Norte I foi repetidamente visitada por Bispos, padres e missionários e em muitas ocasiões usando-a como tramite para encaminhamentos de denúncias ou pedidos à Funai.

Ao lado deste trabalho em Manaus, desempenhado em boa parte pela Secretaria, a sede do Cimi tornou-se um centro ativo de acompanhamento aos índios que vêm a Manaus.

Tornaram-se assim, normais as reuniões com lideranças dos vários povos indígenas do Regional e o encaminhamento destes para a imprensa e Funai.

Periódicamente, os Coordenadores passam um período em Manaus dando plantão na sede do Regional, a fim de não ser demasiado pesado a tarefa dos Secretários.

Em 1.983, estas atividades foram avaliadas pela Assembléia do Regional, e foi decido continuar a experiência, sendo a mesma Coordenação re-eleita, exce~~t~~tuando Pe. Henrique da área do Baixo Amazonas que viajara para a Itália, e assim, substituído por D.Jorge, Bispo de Itacoatiara.

III - ATIVIDADES DOS COORDENADORES NAS ÁREAS.

Tinham sido previsto dois tipos de atividades principais: realizar reuniões com os agentes de pastoral envolvidos na ação em área indígena e visitar diretamente as áreas de atuação. Este programa, devido ao fato de que os Coordenadores desenvolvem atividades próprias de pastoral, só parcialmente foi realizado. Várias viagens foram, em todo caso, realizadas para visitas e conhecimento da problemática local, como também aconteceram várias reuniões. A falta maior foi a impossibilidade de visitar a região do Alto Rio Negro, apesar dos insistentes convites à coordenação. Em todo caso, no decorrer do ano houve encontros com o Inspetor Salesiano e com padres atuantes na área. Uma padre salesiano que atua em área Yanomami visitou Roraima, onde teve a possibilidade de conhecer a experiência que aí se desenvolve com o mesmo povo indígena.

O Coordenador da região do Purus realizou algumas viagens para ajudar os agentes de pastoral da Prelazia de Coari, num levantamento, bem como no acompanhamento da ação Pastoral junto aos povos indígenas desta Prelazia.

Outra intensa atividade desenvolvida pelos Coordenadores e Secretaria foi aquela relativa a questão Sateré-Maué. Como se sabe, as terras deste povo, como aqueles dos Munduruku, foram invadidas pela Elf Equitaine (Cia. francesa de pesquisa petrolífera). Os Sateré e Munduruku estão amplamente assessorados e acompanhados na ação judicial que movem contra a mencionada companhia. Este trabalho desenvolve-se conjuntamente com o pessoal do CTI (Manaus/São Paulo).

IV - ATUAÇÃO EM MANAUS

A situação encontrada pela nova Coordenação não era das melhores: pouco reacionamento com entidades locais (Universidade, etc.) e grupos de apoio à causa indígena. Como o KUKURO, ~~por~~ ex., era de briga aberta.

Tentou-se, assim, reconstruir estas relações convencidos de que a importância da causa era maior do que briguinhas intelectuais ou coisas semelhantes. O Cimi não era dono dos Índios e por isso, benvindo se tornaram todos aqueles dispostos a compartilhar da luta ao lado dos povos indígenas.

Com a Universidade foram realizadas várias reuniões. Recentemente foi projetado um encontro sobre Educação Indígena - Cimi/Universidade (Faculdade de Educação). Também com alguns sobreviventes do grupo Kukuro procurou-se reativar este grupo de apoio à causa indígena. Foram realizadas reuniões e algumas atividades em conjunto.

Todas estas novas relações foram utilíssimas na organização da Semana do Índio. Nesta ocasião a Secretaria do Regional organizou várias atividades, chegando mesmo a se impor como centro obrigatório de informações, por parte de estudantes e outros envolvidos na problemática que desejavam aprofundar o tema.

Outra atitude importante foi tomada em relação às tentativas dos Índios de se organizarem, particularmente com os componentes da UNI. Para nós tratava-se de reconhecer a importância desta primeira organização indígena brasileira, sem ter a presunção de manter indefinidamente o papel de tutor, que muitas vezes como Igreja acabamos assumindo. Isto equivale dizer que os Índios são capazes de se organizar e caminhar com os seus próprios pés.

Por outro lado, não se tratava de negar completamente a possibilidade de ter alguma contribuição nesta nova caminhada dos povos indígenas. Neste sentido, é importante a atitude tomada pelos coordenadores, nas várias áreas favorecendo a constituição de uma organização regional que pudesse servir como suporte àquela nacional. Isto porque foi reconhecido claramente que a organização nacional (indígena) podia decolar verdadeiramente só a partir de fortes organizações locais.

Outra importante atividade desenvolvida pelo Regional frente à sociedade envolvente, foi a colaboração dada à Equipe Indigenista da Itacoatiara na organização da Campanha dos Índios Atoari e Waimiri. Desde o começo o Regional assumiu parte dos trabalhos e ajudou a Equipe na elaboração e realização do material.

V - CONCLUSÕES

Parece-nos que, mesmo considerando os lados negativos de uma Coordenação Colegiada, vale a pena continuar a experiência desses dois anos. Trata-se de uma experiência que está dando certo e que pode constituir talvez, uma nova maneira de enfrentar os problemas de outros regionais do Cimi, porque não, até do Secretariado Nacional.

Por outro lado, estamos conscientes que o novo tipo de gestão desenvolvido e compartilhado pelo Regional, foi a melhor maneira encontrada para dinamizar a Pastoral Indigenista. Isto é, levando em conta particularmente a extensão territorial do Regional e a grande concentração de povoações indígenas neste território (quase metade dos Índios brasileiros).

Desta última constatação deriva também a necessidade de olhar os novos comportamentos destes povos, porque, de uma maneira ou outra, e a partir deles que os problemas dos Índios brasileiros serão resolvidos. Isto não por presunção, mas por simples motivação numérica.

Enfim, pensamos que o Regional têm possibilidade de funcionar somente se estiver aberto as contribuições de outros regionais e do Secretariado Nacional. Isto porém, implica uma mesma abertura por parte daqueles que dentro ou fora do Cimi, estão envolvidos nesta luta.

Coordenação e Secretaria do CIMI NORTE I

Manaus, Julho/83